

*As forças que mudam a história são as mesmas que mudam o coração do homem*  
**Comitê Técnico Operacional da AVSI – Milão (12 a 16 de dezembro de 2011)**

**Anotações da Assembleia com Julián Carrón**  
**Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação**  
**15 de dezembro 2011**

Se eu estivesse no lugar de vocês qual seria a coisa mais urgente para mim? Chegar a um juízo sobre toda essa grande quantidade de recursos, de energia, de generosidade que vocês investem onde trabalham. Não digo isso pensando só nas pessoas para as quais as suas tentativas estão voltadas, mas pensando em vocês, antes de tudo em vocês mesmos. Por que uma pessoa, depois de anos dando todo o tempo, energia, coração e a vida, não vendo crescer nada, se mantém indiferente? Poderia continuar como se nada tivesse acontecido? Ou se geraria nela um ceticismo pelo qual ela se perguntaria “mas o que estou fazendo?”? Vocês têm coragem de verificar – pelo seu bem e o dos outros – aquilo que vocês estão fazendo, ou não? Com todas as energias que são colocadas à disposição em tantos países, a sua tentativa é uma entre tantas outras? Foi gerado mais desenvolvimento ou aqueles que vocês ajudaram são ainda menos capazes de ser si mesmos e necessitam cada vez mais das migalhas que vocês oferecem?

Para mim, estas são questões decisivas para o trabalho que vocês fazem, porque de outra forma falar do desenvolvimento, do amor ao outro e da caridade para com outro é pouco interessante. Seria uma ilusão, porque não conseguiriam colocar em ação um sujeito capaz de responder à própria necessidade e de enfrentar a vida como um homem (e não apenas como uma pessoa que recebe esmola). E se vocês não conseguem gerar um sujeito cada vez mais capaz de ser si mesmo e de responder às próprias necessidades, eu me pergunto se não seria melhor voltarem para casa – segundo o ditado que diz “muito faz quem pouco atrapalha” –, pois vocês estariam distraindo as pessoas ao invés de ajudá-las a se desenvolverem. Querendo ou não, o real desenvolvimento das pessoas está ligado à forma como vocês trabalham. Com o tempo, isso deve incidir em vocês e na verdadeira possibilidade de desenvolvimento.

Então, por que a questão do sujeito é o ponto central? Porque se todas as suas tentativas não forem direcionadas a gerar um sujeito cada vez mais capaz de ser si mesmo, ou seja, de ser adulto, vocês tornarão as pessoas cada vez mais dependentes, e quando os financiamentos terminarem – a crise tem a ver com este âmbito – vocês não saberão o que fazer porque não terão nenhuma migalha para distribuir. Neste ponto, o que farão?

Fico surpreso – e vocês o percebem muito mais do que eu – ao ver o que tantas organizações internacionais que distribuem enormes quantidades de recursos estão produzindo.

O meu primeiro contato com o trabalho que vocês fazem – e foi exatamente naquela ocasião que surgiram os pensamentos que acabei de dizer – foi em Salvador, na Bahia, quando eu soube que o Banco Mundial, que não é uma obra de caridade, tem muito dinheiro e muito mais capacidade para fazer projetos do que a de vocês, estava entusiasmado com a possibilidade de que, ao fazer um projeto, pudesse emergir um sujeito capaz de envolver a população no processo de sua libertação. E foi uma das maiores alegrias encontrar em Salvador alguns membros da Teologia da Libertação e poder dizer essas coisas para eles; porque eles não são capazes de fazer brotar o sujeito da própria libertação, e isto só torna as pessoas mais dependentes. Então, o fato de que até o Banco Mundial tenha reconhecido isto nessa obra, significa que é possível e que depende da contribuição de cada um de vocês. Por que o Banco Mundial se maravilha? Porque se dá conta de qual é o nosso desafio: não conseguindo fazer emergir o sujeito da própria libertação, a intervenção não serve, podemos responder a uma ou outra necessidade, mas não conseguiremos dar uma ajuda real, verdadeira, significativa, que dure no tempo. Então, podem se contentar em continuar levando migalhas às pessoas – que sempre será algo mais generoso do que ficar tranquilos em casa –, mas podem se iludir pensando que isso vai resolver o problema.

Se falarmos em termos reais e objetivos, o que significa aceitar o desafio que temos pela frente, isto é, se queremos ser uma ajuda real para as pessoas, a questão é se aquilo que fazemos em

qualquer setor – em uma ONG, na missão ou nas ordens religiosas, em Milão (porque aqui temos o mesmo problema com uma Escola, uma obra ou uma empresa) –, é capaz de gerar um sujeito em condições de enfrentar os desafios da vida sem se perder na primeira curva. Este é o problema que todos têm. Temos a audácia de olhá-lo de frente e aceitar as perguntas que isso implica? Somente com essa audácia podemos ser capazes de olhar o real, de outra forma, para justificar as nossas atividades, temos que nos convencer de que as coisas estão indo bem assim.

Quando eu era diretor de uma escola, os meus professores diziam: “A um menino que chegar aqui, em quaisquer condições familiares, sociais e econômicas em que se encontre, pode acontecer algo nesses quatro anos ou não?”. Os professores levantavam barricadas frente à possibilidade de dar um juízo sobre aqueles quatro anos de escola! Não há nada que nós defendamos mais do que o fato de dar um juízo, porque julgar significa dizer o que Aconteceu, o que eu vejo, quais são os sintomas que indicam que algo aconteceu, depois de anos de uma obra, depois de anos de trabalho. Julgar o método é algo decisivo, não esquecendo da dimensão do tempo e do crescimento, embora ele não dependa tanto do tempo, mas do fato de que ser adequado ou não. De outra forma, se pegamos a estrada errada, mesmo se resistirmos por dois mil anos, não surgirá nada, e talvez outros, em menos tempo, consigam fazer algo. É como se existissem dois campos: naquele do vizinho nasce a erva e no nosso, que está ao lado, não nasce nada. O problema não é do campo, mas do que foi semeado, porque as condições são as mesmas.

Para poder olhar assim, com essa liberdade, permitindo a mudança, é necessário partir de algo que vem antes. Por isto, em todas as ocasiões insisto sobre o episódio do Evangelho no qual Jesus diz aos Seus discípulos, no momento em que estes têm um sucesso missionário: “não vos alegrais pelos milagres que fizestes, mas porque fostes escolhidos e vosso nome está escrito nos céus”. É só a partir da consciência de estarmos sobre um “cheio”, de termos sido escolhidos, é que podemos olhar as coisas de frente e mudar o que é necessário mudar; por isso, as nossas tentativas são todas irônicas. Por que é possível não ter medo de julgar aquilo que não vai bem? Porque, no fundo, nós não dependemos do sucesso: desejamos servir a um Outro, não vamos onde vamos para preencher o vazio que temos de satisfação. Muitos de vocês partiram por causa de um cheio, porque já estavam apoiados sobre um cheio, tanto que desejavam compartilhar com os outros aquilo que já tinham encontrado. E isso lhes torna livres para poder olhar aquilo que não vai bem, para torná-lo mais adequado, para responder as exigências que têm diante dos olhos, e assim poder ajudar tantas pessoas que lhes são queridas, porque estando em contato com elas, querendo ou não, vocês não podem deixar de se afeiçoar por elas.

Este é o nó da vida, devemos nos ajudar sobre esta questão: se na história há algo capaz de fazer emergir aquilo que o cristianismo denomina de “criatura nova”, um sujeito diferente capaz de viver como um homem.

***Colocação:** Se eu tivesse que fazer uma síntese do trabalho desenvolvido no Equador nestes anos, diria assim: vi, diante de mim, explodir o crescimento das pessoas que trabalham conosco, sobretudo daquelas que trabalham conosco, depois expandindo um pouco aos beneficiários, porém antes de tudo das pessoas que trabalham conosco. Digo isso, porque eu mesma me dei conta desta descoberta de mim mesma através do trabalho, descoberta de si como o emergir de aspirações, de imagens sobre o futuro, de desejo de estudar, de olhar certas feridas que estavam escondidas, falo de situações evidentemente dramáticas. Ao longo dos anos, isto me fez ver o crescimento do sujeito, aquele que acabamos de falar: responsabilidade e competência no trabalho. Esta é a primeira coisa. Depois, olhando um pouco para nós, digo que eu, nestes anos, no meu trabalho, parti daquilo que encontrei. Nós, muitas vezes, falamos que devemos compartilhar as necessidades para compartilhar o sentido da vida, e eu não poderia não ter partido do sentido da vida que encontrei, de Cristo, que na minha vida foi Aquele que mais me satisfaz. E estes anos foram ocasião para a descoberta; fazendo o trabalho que eu fazia, O descobri novamente, isto é, foi uma aventura frente às pessoas que encontrei.*

*Duas semanas atrás me aconteceu isso: depois de um tempo que não estava indo aos bairros onde trabalhamos, ficar diante de certas situações dramáticas vividas por pessoas que nos são*

*muito queridas, me colocou em movimento, no sentido que renasceu em mim essa comoção pelo destino do outro (que por tanto tempo tinha dado por óbvio), exatamente como no começo, sete anos atrás, quando cheguei lá, porque você não dá por óbvio o fato que o caminho do outro é misterioso (e que Deus quer atrair a si o outro, através de tantos dramas, isso é mesmo um mistério). Pensando nisso, refletia: sem esta comoção pelo destino do outro, não há educação, não há um caminho educativo e não há um crescimento do sujeito e, portanto, não há desenvolvimento. Para mim, em poucos instantes, isso foi muito claro. Sendo que eu o conheço há vários anos e vejo a sua capacidade de educar, de se comover pelo destino do outro e de arriscar sobre a liberdade do outro, e eu vejo isso como decisivo primeiro para mim e depois para as pessoas que acompanhamos, percebo que isto é decisivo para a minha história e história do mundo, a pergunta é: o que quer dizer educar?*

**Carrón:** obrigado por esta intervenção, porque essa é uma das coisas que eu mais carrego no coração. Penso que a origem de muitas das dificuldades que temos está naquilo que você pergunta. O que é necessário para educar? Um olhar sobre o eu, um olhar sobre o humano do outro. E tantas vezes podemos dar isso por óbvio, aliás, muitas vezes nós olhamos o outro com um olhar que o impede de emergir. Um olhar assim bloqueia qualquer tipo de desenvolvimento. Em uma visita à África, quase tive que convencer os amigos africanos que eles tinham tudo o que precisavam para serem homens: eles tinham o coração! Muitas vezes o olhar reduzido que podemos levar os induz a se olharem como nós os olhamos. Digo “eles”, mas é o mesmo que acontece aos filhos com os pais, ou aos estudantes com os professores. Este exemplo me marca muito. Não há possibilidade de desenvolvimento sem reconhecer que o outro tem em si o instrumento para utilizar diante de qualquer proposta, que se chama coração. Seria muito grave se não o reconhecêssemos, pelo menos teoricamente. Mas, tantas vezes, na prática, na forma como estamos diante deles, não partimos deste dado. E isto não acontece só nos países em desenvolvimento, mas aqui também; encontrar alguém que dirige a sua proposta ao coração do outro, à liberdade do outro, é verdadeiramente quase um milagre!

Este é o ponto de partida: nós não nos damos conta de que nunca estamos neutros no modo de olhar o outro, cada olhar contém um juízo sobre o outro, cada olhar carrega uma percepção sobre o outro. O outro é alguém que, antes de tudo, tem todos os instrumentos para ser si mesmo, e é necessário voltar-se para este instrumento, para este detector capaz de reconhecer uma proposta de humanidade verdadeira. Sem isto, não há possibilidade de educação. Nós podemos fazer as coisas, fazer as iniciativas, mas se não estimarmos o coração do outro, não conseguiremos tocar a origem do eu. Por isso repito de modo incansável uma frase do Papa que é decisiva para mim: “mas o que pode mover o homem no seu íntimo?”. Porque, se não conseguirmos mover o homem no seu íntimo, não poderemos mover todo o dinamismo que existe no eu; é necessário que seja desenvolvido, que seja re-despertado para que apareça com toda sua potência. Na realidade isto é exatamente o que Cristo veio fazer.

Mas qual é o obstáculo? Em que se vê que vocês não apostam sobre isso, ou que não estão tão convencidos como parecem teoricamente? Dou um exemplo: “nós não podemos fazer uma determinada proposta para eles, porque eles são ‘assim’. Temos que atualizar, adaptar”... Talvez vocês digam isto com um desejo sincero, mas na realidade isso é um engano, porque significa olhá-los como se fossem incapazes de reconhecer a verdade das coisas. Parecem ser caridosos, mas é um engano que começa a partir do olhar para as pessoas. Nós não reconhecemos no outro a capacidade de responder àquilo que propomos porque não reconhecemos que ele tem um coração. Na teoria, é claro que o reconhecemos; imagina se não! Mas depois, na prática, nós pensamos que se é de determinada nacionalidade, que se tem aquela dificuldade, que se é ignorante etc. Esses tipos de raciocínio prejudicaram no passado a missão dos cristãos porque se supôs que, para estar diante da proposta cristã, fossem necessárias algumas condições que a maioria das pessoas não tinha, que fosse preciso um longo caminho de aproximação, de preparação antes de fazer a proposta cristã; e sendo que nunca se chega no final dessa preparação, então nunca se faz a proposta. Consequentemente não se gerou um sujeito, não se chegou à pessoa, porque a pessoa não se move por causa das migalhas, ela se move por algo que interessa, pelo menos um pouco, ao próprio

coração. As pessoas que vocês encontram no mundo não são tolas! E não tendo uma proposta à altura do desejo delas, vocês não movem nada, talvez somente algo de superficial; assim é impossível gerar um sujeito. E por que isso? Porque vocês pensam que as pessoas às quais a proposta é direcionada, qualquer que seja o tipo da proposta, não são capazes de recebê-la. Por isso, gastam energias para “adaptar” a proposta.

Dom Giussani e o Evangelho cortaram essa postura. Jesus não ministrou um curso para pré-catecúmenos a João e a André antes de encontrá-los! Simplesmente os encontrou! E o fato de que eles O tenham reconhecido significa que tinham tudo o que era necessário para reconhecê-Lo. Só isso! É preciso um homem e Cristo, e basta! Todo o resto são nossas complicações, porque não cremos no que há no coração do homem: o homem tem o coração, não somos nós que emprestamos para ele, ele o tem! Ele o tem pelo fato de ser criado por Deus, graças a Deus (porque se fôssemos nós a ter feito o coração, talvez o tivéssemos regulamentado de forma diferente)! Portanto, eu posso estar diante de uma proposta. Sem isso, não há educação. Há uma organização, há distração até as pessoas se cansarem e encontrarem algo mais interessante. Isso aconteceu em muitas paróquias do mundo onde se enchem as crianças de atividades até elas dizerem: “agora, com dezoito anos, tenho recursos, capacidades e empenho para procurar em outro lugar, obrigado e adeus”. Ao invés, o que é necessário para uma educação, para provocar até o fundo a liberdade do outro? Reconhecer que o outro tem tudo o que precisa para estar no real, sem inúteis passagens intermediárias. Vocês verdadeiramente pensam que, para reconhecer um gesto de caridade ou de amizade, as pessoas que vocês encontrarem precisam de alguma preparação? Que elas não têm como reconhecê-lo logo? Nós mesmos não reconhecemos logo quando alguém faz um gesto conosco que se impõe como bem, como uma evidência solar? O reconhecemos, sim; com a mesma evidência de quando alguém nos trata mal. Não temos necessidade de um curso de graduação em Direito para reconhecer quando alguém nos trata mal! O reconhecemos na pele. Significa que já temos tudo.

Para mostrar isso, às vezes é preciso começar do final, como há dois anos no Quênia: “o fato de que vocês tenham encontrado Cristo e que puderam reconhecê-Lo significa que vocês têm o coração. Libertam-se desse olhar que muitas vezes vocês carregam, e que lhes impede de reconhecer aquilo que vocês têm! Porque é essa a sua grande dignidade: que vocês têm o coração”. Devolver às pessoas aquilo que elas são verdadeiramente é o primeiro passo para o desenvolvimento, porque – como ouvimos repetir tantas vezes – o eu é descoberto em um encontro. Por isso, o Senhor faz com que nos apaixonemos: porque é a modalidade mais simples para que todos os fatores constitutivos do eu venham à tona. E a paixão é um pequeno reflexo do grande encontro, que é o encontro com Cristo, porque ninguém como Ele é capaz de fazer emergir todos os fatores constitutivos do eu: somente o divino pode salvar o humano, todos os fatores do homem.

Então, se quisermos verdadeiramente contribuir para salvação do humano dos nossos amigos, em qualquer lugar do mundo em que os encontrarmos, ou carregamos esse olhar ou será tudo inútil. Não haverá possibilidade de educação que não seja distração, que não seja encher a vida de atividades que não deixam vestígio. Vejam! Qualquer ponto que enfrentarmos é como a ponta de um iceberg, o que implica toda uma concepção de vida: cada olhar – como nos ensinou Dom Giussani –, cada gesto, implica a totalidade e é na maneira como nós olhamos a realidade que implicamos ou não esse olhar de totalidade, porque nada é neutro. Digo isto porque além de esclarecer o quadro geral, é uma libertação para vocês, porque não são vocês que geram as pessoas: elas recebem de Deus a própria dignidade. A sua contribuição é viver diante delas de tal forma que elas possam surpreender o próprio eu despertado. Por isso, não é suficiente um projeto. O eu se desperta somente diante de um tu. É elementar, simples, o eu não se desperta porque construo casas para eles, mas se desperta diante de um tu. Pode passar através da construção da casa, mas o que importa é o meu olhar enquanto estou construindo as casas! Mas, se vocês constroem casas para as pessoas e continuam olhando-as sem nem um pouco de estima humana (como diria Cesare Pavese), então vocês se contradizem. E assim não é possível gerar.

Por outro lado, quando somos tratados assim, isto pode nos interessar? Evidentemente não. O problema da educação está todo aqui. Quantas vezes nós damos por óbvias tantas coisas, quantos preconceitos temos ao olhar para o outro. Mas se com tantas tentativas, tantos esforços, depois, ao

final, vocês não veem as pessoas florescerem, como podem continuar? Vocês se tornarão céticos. Digo isso pensando nas pessoas que trabalham na educação: se depois de terem investido tempo e energia procurando educar uma geração, e no final não verem nada florescer, não podem seguir adiante como se nada tivesse acontecido. Você começaria de um ceticismo: “aqui não tem nada para fazer”. E é verdade que não tem nada a fazer, ou eu deveria me perguntar como estou fazendo as coisas que tenho para fazer? É necessária essa liberdade de filhos de Deus, para que, não dependendo do sucesso, possamos olhar de frente para estas questões; do contrário, o problema não é que não conseguimos ajudar os outros, mas é que nós mesmos nos tornamos céticos, porque nos convencemos de que não há nada que possa mudar em nós e nos outros! E isso é pior do que ficar sem teto.

**Colocação:** *Queria dizer algumas coisas, uma é ligada ao fato que em junho eu o encontrei em Nova Iorque em umas férias e lá você me desafiou: “daqui a um ano você me dirá como está indo”. Não se passou um ano, porém de qualquer forma, estou grata por esta oportunidade de lhe contar. Há quase seis meses trabalho para a AVSI em Washington, em um escritório pequeno com três pessoas, nunca estive na África, na América Latina ou em outros lugares nos quais temos projetos. Muitas vezes as pessoas me perguntam: “então, quando é que você vai viajar, e vai ver essas crianças pobres que você ajuda?”. A pergunta é: por que estou fazendo este trabalho, por que faço aquilo que faço? Quando eu era pequena e encontrei os missionários, pensei: mas o que estão fazendo? Não seriam presunçosos ao dizer para as pessoas: “eu sei melhor do que vocês o que é a vida?”. Mas, não é que eu tenha procurado o trabalho na AVSI de forma obsessiva, mas agora, refletindo sobre a experiência, vejo dois motivos. Primeiro: eu estou certa de que este trabalho me é dado, que fui chamada a este lugar. Isto se tornou muito claro para mim quando conversei com você, porque conversamos sobre como eu cheguei a fazer este trabalho e na época eu tinha começado há 3 semanas. Havia ainda uma dúvida se tudo aquilo que desejava, quando procurava um trabalho, pudesse se cumprir neste lugar. Você me disse: “agora, você está num caminho, daqui a um ano vamos ver o que acontece”, o fato mais claro para mim era que eu tinha do meu lado uma pessoa que me olhava, olhando o mistério que Deus estava fazendo comigo, não procurando me dizer qual é o caminho, mas renovando a certeza de que eu tenho um lugar no mundo. Diante de uma pessoa que me olha com esta certeza eu me lancei, tenho a coragem de enfrentar qualquer circunstância. Segunda coisa: agora, olhando estes meses que se passaram, já percebo uma mudança em mim. Trabalho todos os dias para procurar como comunicar ao mundo que, na raiz do desenvolvimento, há uma pessoa. Isto mudou a forma de olhar para as amigas que moram comigo (moro em um apartamento com outras pessoas) e mudou o modo de me relacionar, porque em Washington temos muitos congressos e conferências para as pessoas que trabalham nas ONGs e muitas vezes eu me encontro com a mentalidade delas e não espero nada delas. Agora, ainda é assim, mas eu vou, me dou conta de que tenho esse preconceito sobre essas pessoas, porém quanto mais descubro que sou chamada a fazer algo, que sou querida na minha existência, mais muda a modalidade de estar com estas pessoas. E também quando me dou conta de que erro, de que tenho preconceitos, posso continuar, porque na vida concreta, seja com meus amigos, seja no escritório, com meus colegas, me dou conta de ser perdoada. Quando cometo um erro, me dá ainda mais vontade de ser corrigida, porque estando naquela circunstância de trabalho, cheia de fadiga, eu consigo crescer e me dou conta de que aos poucos é mais fácil estar com todas as pessoas. Tenho vontade não somente de fazer bem o trabalho, mas também de comunicar a todas as pessoas que estão ao meu redor que essa modalidade de olhar o trabalho, porque não é só no Quênia, onde temos lugares de formação profissional, que as pessoas não entendem o sentido do trabalho. Também os meus amigos não entendem o sentido do trabalho, o drama existe em todos os lugares. Entendi que tudo depende do crescimento que vejo em mim, começa dali e, aos poucos, cresce em mim, não depende do lugar onde estou, mas depende do fato de que a pessoa é chamada a um certo lugar e permanece fiel a isso.*

**Colocação:** *Para mim, é uma honra estar aqui, escutar com interesse e aprender das experiências dos outros. Cheguei à Equipe da AVSI no Haiti em novembro de 2009 e fui treinado na filosofia da AVSI; depois, logo depois desse meu treinamento inicial, vivi uma circunstância com a qual não estava anteriormente acostumado, e não detalho aquilo que aconteceu em janeiro de 2010, porque acho que todo mundo deve saber bem aquilo que aconteceu, mas viver aquilo que foi o pós-terremoto foi verdadeiramente algo de muito difícil. Aquilo que talvez me deu um pouco de coragem foi ver a força com a qual a pessoa responsável pela AVSI no Haiti se envolveu ao enfrentar essa situação. A casa dela, por exemplo, foi transformada em um escritório. Essa coisa para nós haitianos não é habitual, nunca teríamos pensado nessa solução. Isso me permitiu ver e entender o que é verdadeiramente a caridade. No meu primeiro ano com a AVSI, a ideia original era somente encontrar um trabalho e melhorar um pouco a minha condição de vida, mas depois desse evento entendi que se tratava de algo a mais, algo de maior. Agora, entendi que existe o sentido da comunidade. Depois de um evento assim, é difícil, para nós, trabalhar com uma comunidade que foi quebrada no coração, que sofreu muito, e quando ouço vocês falarem de construir catedrais, penso que nós temos muitos bilhões para reconstruir Haiti, mas ao final muito poucas intervenções se originam da pessoa. Aquilo que nós queremos são instrumentos que possamos usar para ajudar não somente a reconstruir o Haiti, mas também ajudar as pessoas a reconstruírem a si mesmas.*

**Colocação:** *Trabalho no Sudão do Sul. Nestes dias, se falou muito do conceito de sujeito, ou seja, do eu como verdadeiro autor da mudança; e efetivamente eu concordo muito, no sentido que para mim o sujeito, o eu, é a soma das minhas experiências, dos meus pais, dos meus amigos, que vão enriquecer verdadeiramente aquilo que faço pelas pessoas pelas quais trabalho. Mas gostaria, se possível, que o senhor desenvolvesse um pouco melhor aquilo que para o senhor significa o sujeito, o que o constitui, o que o define. Obrigado.*

**Colocação:** *Estou muito emocionada pela possibilidade de estar aqui. Para mim, é de verdade um presente estar entre pessoas tão grandes. Tenho quarenta e dois anos e vivo em Quito, no Equador. Para mim, é uma grande emoção, volto a repetir. Estar aqui e ver nos olhos de todas as pessoas que estão aqui a mesma coisa que me mudou: um encontro. Um encontro com uma pessoa que me olhou de forma diferente e fez emergir as minhas capacidades. Não faço parte dos beneficiários dos projetos da AVSI, mas daqueles que se beneficiaram de um encontro vivo. Esse encontro me mudou e me deu vontade de estudar, de ser melhor, me deu a possibilidade de olhar para mim mesma de forma totalmente diferente. Porque – como dizia antes o Carrón –, às vezes, uma pessoa pensa ser diferente, não ter as capacidades como os outros tem, mas quando alguém olha para você como eu fui olhada – senti um amor infinito pela minha pessoa, por aquilo que eu sou –, então é impossível não deixar entrar esse olhar em mim, essa proteção pela qual você entendeu que também você pode se desenvolver, que pode fazer as coisas que os outros fazem. Em um curso de formação humana que temos todas as segundas-feiras, eu li que Cristo é mais íntimo a mim do que eu mesma, e ontem nós estávamos falando que estamos aqui para nos olharmos assim uns para os outros, para acompanhar as pessoas, porque para o desenvolvimento é preciso alguém que nos olhe de forma diferente. Isso mudou o olhar para mim e me mudou também através de um projeto; se eu não tivesse encontrado aquela pessoa que estava desenvolvendo esse projeto, eu não seria mudada, mas agora me sinto parte de uma grande família e não me sinto inferior a ninguém, me sinto como todos os outros, mesmo que eu seja afroequatoriana!*

**Carrón:** *Vamos começar pela pergunta de Gabriele: o que é o sujeito? O que o constitui? O que o define? O sujeito, falando isso de forma muito simples, é a sua própria autoconsciência. Todo o potencial, ou não, do sujeito está no quanto ele é consciente de si, do seu valor, do seu destino infinito, do seu desejo sem limites. Não tem coisa no mundo mais importante. Agora, quem introduziu na história esse olhar sobre o homem? Somente Cristo. Se compararmos com a forma que se vivia antes dEle, nas civilizações próximas (por exemplo, na Mesopotâmia, as religiões*

afirmavam que os homens tinham sido criados para libertar os deuses da necessidade de trabalhar), verificaremos que era um olhar muito diferente daquilo que foi introduzido na vida com a Revelação cristã. Todo mundo reconhece isto: esse conceito de pessoa, definida pela sua autoconsciência, é o fruto da Revelação cristã. Mas, além de compartilhar isso, ou seja, que toda a potência do sujeito está na sua capacidade de autoconsciência, toda a questão está em como educá-lo a ter consciência de si de tal forma que possa se olhar conforme a sua verdade e possa se maravilhar pela sua grandeza, possa reconhecer o destino de felicidade para o qual foi criado, e que a desproporção estrutural que ele sente dentro si não é uma doença, mas a possibilidade de ser levado a um nível de plenitude que nenhum outro ser no mundo pode sequer sonhar.

Toda a questão fundamental do sujeito é essa autoconsciência que podemos simplesmente definir com algumas frases da tradição cristã. Por exemplo: “nos fizeste, Senhor, para Ti, e o nosso coração permanecerá inquieto enquanto não descansar em Ti” (Santo Agostinho). Essa desproporção estrutural que nos constitui, esse desejo de plenitude, de felicidade é o que define o sujeito, porque essa é a modalidade através da qual o Mistério nos chama a participar de uma vida sem comparação com nada. Se nós não nos dermos conta do valor dessa desproporção, parecerá quase que fomos mal feitos, que saímos com um defeito de fabricação; na verdade, nós somos feitos para algo que vai além de qualquer imaginação. Sem essa consciência, o sujeito será derrotado antes de levantar da cama em cada manhã, porque terá um olhar reduzido sobre si, não perceberá até o fim aquilo que ele é e, portanto, nunca poderá desafiar o real com essa capacidade, com toda essa autoconsciência. Para descobrir isso, é preciso uma companhia, é preciso, como falava Amparito, alguém que o olhe assim: “o que me mudou foi um olhar”.

Aquilo que introduz a primeira mudança, isto é, o primeiro verdadeiro desenvolvimento é esse olhar, e a questão é se vocês, através daquilo que fazem – porque vocês não fazem homilias nem são *gurus*, mas respondem às necessidades através de um projeto –, conseguem levar esse olhar, porque sem esse olhar não há desenvolvimento. O exemplo que ela dava nos torna ainda mais conscientes disso, porque infelizmente está se perdendo essa consciência de si. Quem se olha com essa ternura, com essa capacidade de se maravilhar pela própria grandeza com essa simplicidade? Muito poucos. Nos últimos tempos, se falou muito de dignidade e dos direitos humanos, mas nunca, como hoje em dia, o homem esteve tão perdido e confuso a respeito de si, porque não sendo olhado assim, não se dá conta de si mesmo até o fim e, portanto, não se desenvolve. A origem do desenvolvimento está aqui. Esse é o instrumento mais decisivo para construir o sujeito, como dizia Phaubert do Haiti: não há mecanismo que possa substituir um encontro pessoal que desperte o sujeito que cada um de nós é, porque nós não somos um pedaço de um mecanismo que pode ser manobrado por fora. Então, a questão é se vocês carregam esse olhar. E qual é a condição para carregá-lo? Tê-lo em si, porque ninguém pode dar algo que não tem. Nós inevitavelmente não olharemos os outros de forma diferente daquela com a qual olhamos para nós mesmos. Muitas vezes, nós nos olhamos sem essa maravilha, porque prevalece tudo aquilo que não está certo e que ainda não funciona, tudo aquilo que nos incomoda e que ainda não conseguimos fazer, que pode ser verdade, mas não pode eliminar a ontologia. Não mudamos o olhar sobre a natureza do eu, nós substituímos a ontologia do eu por aquilo que se consegue ou não fazer.

Esse é maior o erro que se pode cometer, porque se uma mãe olhasse o próprio filho por aquilo que consegue fazer e não porque é seu filho, ou filha, não cresceria. Isso é o que impede o crescimento. Por isso, se vocês não se tornam como pais e mães, os seus beneficiários não poderão crescer apesar de tantos projetos: porque aquilo que faz crescer o filho é ser tratado como filho, ser olhado por um pai e uma mãe. Sem isso, como todos sabemos, o desenvolvimento dele terá limites graves, porque quando uma criança não recebe logo no início aquilo que necessita para se desenvolver, depois terá uma grande dificuldade, como sabemos por todos os conhecimentos adquiridos sobre o desenvolvimento do homem. A questão é se vocês, exatamente por causa do seu desejo na relação com os beneficiários, estão disponíveis a trabalhar em primeira pessoa sobre si mesmos, com um trabalho que lhes permita incrementar esse olhar sobre vocês mesmos, a fim de poder levá-lo, depois, aos outros.

Essa é uma questão decisiva que tem a ver com cada um de nós. Marca-me o fato que os pais talvez possam não se importar com a própria vida, mas não podem não se comover diante do filho. E muitas vezes é diante do filho que sentem todo o drama da incapacidade deles de responder à sua própria necessidade. Colocaram o filho no mundo e se encontram diante de alguém no qual reconhecem, com toda a paixão de pai e mãe, um desejo de felicidade ao qual eles não são capazes de responder. Diante disso, quanto mais os pais olham para o filho, mais se comovem. E este é o motivo pelo qual muitas vezes levam-no para batizar. Eles, talvez, nem acreditem, mas são obrigados a desejar algo para o filho.

Talvez vocês, como todos, não estejam interessados em vocês mesmos, como pais da própria vida, mas aquela paixão que os levou a doar a vida para o bem dos outros só poderá atingir o resultado máximo a partir do momento em que vocês desejarem ser vocês mesmos, exatamente para poder responder à necessidade dos outros. Às vezes, é isso que coloca em movimento novamente o caminho dos pais: a criança que nasce. Não tem discurso, nem homilia, nem invenção que possa colocá-los em movimento mais do que um filho das próprias entranhas.

Desejo que isso aconteça em vocês: que o benefício que os seus beneficiários lhes derem seja que, olhando-os com a ternura com a qual vocês os olham, vendo todos os sacrifícios que vocês fazem, possa surgir uma paixão pelo destino deles que permita dizer: “se eu não olhar para eles de forma diferente, não poderei querer o bem deles”. E talvez isso coloque em movimento uma estima por vocês mesmos, até o ponto de fazê-los trabalhar; porque, conscientemente ou não, nós carregamos o que somos. Esse é o trabalho a fazer, antes de qualquer outro. Depois, se se está disponível a fazer esse trabalho sobre si mesmo, se estará disponível também a todo o restante do trabalho, desde o projeto. A verdadeira dificuldade é como aceitar amar o outro profundamente, amá-lo verdadeiramente e olhar para sua verdade e para o seu destino. A alternativa a isso seria se distrair com coisas secundárias.

Podemos gerar um sujeito apenas na medida em que somos gerados e, em primeiro lugar, aceitarmos ser gerados. Ninguém gera se não é gerado. Este é, me parece, o desafio para todos nós que participamos de uma obra educativa – a de vocês de uma maneira, a minha de outra. Se nos deixamos gerar, o resto será consequência disso. É aquilo que desejo a vocês e a todos os seus amigos. Obrigado.